

em foco: extensão universitária

As verdades e mentiras sobre o repolho e a radiotividade

Benigno Barreto Filho

O ônibus parou junto a um dos prédios existentes no campus da Universidade, desci com outras pessoas e assim que ele partiu, deixando um cheiro de combustão, percebi que todos tomaram seu caminho. Fiquei ali parado à beira da calçada, observando tudo que minha vista alcançava e um cenário me chamou a atenção, olhei bem aquele "Teatro de Arena", com aspecto de abandono, caminhei na sua direção, e como que impulsivamente sentei num de seus degraus e comecei a imaginar os anos em que se lutava para assegurar os espaços, onde todas as formas de expressão fossem livres, principalmente o teatro. Meu pensamento foi longe e me trouxe à retina uma cena meio embaçada pelo tempo mas carregada de talento.

Naquela tarde havia um menino com olhar fixo e a expressão no rosto de quem está a inquerir, quando começou a declamar um poema de Capinan, "O limite das águas". Nesse mesmo instante, dois degraus acima do meu, a conversa de um aluno do curso de especialização e seu mestre, dividiu minha atenção. Dizia ele:

- Mestre, após alguns anos trabalhando com crianças de comunidade isoladas, de periferia, mas principalmente, lutando contra as adversidades de uma política educacional desastrosa, senti necessidade de voltar à Universidade para me atualizar, trocar experiências, reavaliar o meu trabalho e aprimorá-lo. Nestes primeiros meses de convívio, tenho encontrado uma vasta indicação bibliográfica a ser vencida, sem considerar a minha realidade.

- Mas você achou excessiva as leituras propostas?

A resposta a indagação do mestre veio quase que

imediatamente.

- Não sei se foram excessivas mas enquanto discutíamos, teoricamente, os problemas da educação eu tentava buscar soluções práticas para situações que vivo diariamente.

Com a tranquilidade de quem já ouviu tal questionamento, disse o mestre:

- Compreendo a sua ansiedade mas não espere encontrar aqui uma "receita pronta".

Os dois interromperam o diálogo, a voz do menino se fez mais alta e as suas palavras chegaram como alfinetadas.

*Qual o limite das águas
A margem que reprime o rio
O rio que devora a margem
Eu digo então que os meus
olhos não são olhos, são
imagens*

*Eu digo então que as imagens
não são imagens, mas visagens
e as visagens personagens,
pessoas dos olhos, passagens.*

(Capinan)

Com a voz do cantador ao longe, o aluno retoma seu questionamento:

- Olhe, outra coisa que me impressiona é a forma crítica como, os textos aqui estudados, veem a educação, enfocando e com razão, as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola. Se essa visão crítica é tão divulgada e aceita no meio acadêmico, porque não colocá-la em prática, criando canais que aproximem a Universidade da escola, e principalmente, praticá-la no meio acadêmico, visto que a sua prática pedagógica mudou pouco se comparada aquela que deixei há vinte anos.

- Acho que a sua crítica procede, observou o mestre, mas enquanto alguns tentam mudanças, muitos resistem a elas...

O diálogo se confundiu com o

palco e como num jogo de seqüências e pausas, novamente minha atenção se fixou no poema que, pela sua força, colocou todos em cena.

*Qual o limite das águas
Entre a cidade e o campo
Entre a navalha e a carne
Eu digo então que os meus
olhos não são olhos, são
imagens*

*Eu digo então que imagens não
são paisagens mas viagens
entre o que sente e o que sabe
qual o limite das águas.*

(Capinan)

Sem reconhecer os limites do diálogo, do poema e do palco os dois caminham de costas, na direção do menino, aproximando-se do centro da cena e afastando-se dos degraus, sem deixar de olhar para os mesmos. O aluno com voz calma retoma a fala:

- Pode parecer negativista a minha argumentação mas garanto que não o é. Vejo vários aspectos positivos neste convívio, principalmente a troca de experiências que certamente é enriquecedora mas a crítica é mais contundente, ela nos sacode e nos obriga a reagir. Por isso eu lhe pergunto, essa linguagem acadêmica não é um dos fatores que afasta a Universidade da sociedade?

- Caro aluno, embora esta linguagem não seja facilmente compreendida, é importante, para alguns, que ela assim permaneça para que o conhecimento não se vulgarize.

- Mas, mestre esse mesmo conhecimento não seria melhor compreendido pela sociedade, tomando-a menos vulnerável às inúmeras formas de exploração, se a linguagem fosse outra?

Sob a argumentação do mestre, de que toda adaptação é acompanhada de uma dose de

resistência mas que o convívio e o estudo dessa literatura se ocupariam desse entendimento, o aluno começou a remoer alguns pensamentos em voz baixa:

- Será que algum dia estarei utilizando essa linguagem?
- Quanto tempo isso levará?
- Após esse tempo a realidade, lá fora, será a mesma?
- Serei apenas mais um que teve acesso a ela?
- Conseguirei construir uma ponte entre o castelo e o mundo que o cerca?

Agora, os dois andam em círculo deixando no centro o menino de braços abertos e mãos espalmadas, ora olhando para um,

ora para outro e declamando:

*Qual o limite das águas
Que dificulta o simples
Que malbarata o amor
Qual o limite das águas
Me responda cantador*

Nesse instante, passa por ali o "trenzinho caipira" levando consigo o menino, enquanto os dois, mestre e aluno, de mãos dadas, continuam andando em círculos e a cena é tomada pelo som que deixa nítida a voz de Edu Lobo, cantando música de Villa Lobos com um poema de Ferreira Gullar:

*Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai a ciranda e destino
Cidade e noite a girar*

*Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar
No ar...*

Benigno Barreto Filho é professor de Ciências, atualmente aluno do curso de atualização Arte, Ciência e Prática Pedagógica, da Fac. de Educação da Unicamp.

*R. Benedito Wenceslau de Jesus,
109, Ilhabela, SP, cep 11630-000*